

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. CLECI REGINA BEVILACQUA

Interview with Professor Cleci Regina Bevilacqua

DOI: 10.14393/LL63-v39-2023-18

Marileide Dias Esqueda*

(Interlocutora)

RESUMO: Esta entrevista tem como propósito apresentar os percursos de pesquisa e a atuação profissional e acadêmica da Professora Doutora Cleci Regina Bevilacqua, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Ademais, a entrevista visa reunir algumas ideias e propostas de Bevilacqua acerca dos rumos da formação em Tradução, sobretudo em relação à formação terminológica de futuros tradutores.

PALAVRAS-CHAVE: Cleci Regina Bevilacqua. Entrevista. Estudos da Tradução. Formação de tradutores. Terminologia.

ABSTRACT: The purpose of this interview is to present the research and professional and academic achievements of Professor Cleci Regina Bevilacqua, from the Federal University of Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brazil. Moreover, the interview aims to bring together Bevilacqua's ideas and proposals with regard to the directions of Translation education, especially in relation to terminology training for future translators.

KEYWORDS: Cleci Regina Bevilacqua. Interview. Translation Studies. Translation education. Terminology.

Introdução: Súmula curricular da Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua

Professora titular do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras, linha de pesquisa Estudos do Léxico e da Tradução, do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Bacharelado em Letras (Tradução Português/Espanhol) (1988) e em Licenciatura em Letras (Português/Espanhol)

* Marileide Dias Esqueda é professora associada do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos e do Curso de Bacharelado em Tradução da Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG-Brasil). ORCID: 0000-0002-6941-7926. E-mail: marileide.esqueda(AT)ufu.br

(1991) pela UFRGS; mestre em Letras pela mesma universidade (1996) e doutora em Linguística Aplicada pelo Instituto Universitário de Linguística Aplicada, Universidade Pompeu Fabra (Barcelona) (2004). Pós-doutorado realizado junto ao Grupo de Terminologia e Organização do Conhecimento (GTERM), Faculdade de Informação e Comunicação, Universidad de la República (Uruguai) (2017-2018). Atua nas áreas de Ensino e Tradução de Língua Espanhola, Terminologia e Lexicografia. Tem como temas de pesquisa: a Fraseologia Especializada, a Terminologia e a Tradução e suas interfaces com a Linguística de *Corpus*, bem como a Lexicografia e a Fraseologia da Língua Geral e sua interface com o ensino de língua espanhola. Tem livros e artigos publicados nessas áreas (BEVILACQUA *et al.*, 2023; Arcos; BEVILACQUA; LOGUERCIO, 2023; SILVA; BEVILACQUA, 2022; NOVODVORSKI; BEVILACQUA, 2022; BEVILACQUA, 2021; BEVILACQUA; TAGNIN, 2013, entre outros). Foi presidente (2010-2012), secretária (2008-2010) e tesoureira (2006-2008) da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm). Foi membro do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedossejeva (NET) do Instituto de Letras da UFRGS (2003-2022). É pesquisadora do Grupo de Pesquisa TERMISUL Projeto Terminológico Cone Sul e foi coordenadora do grupo entre 2010 e 2022. É pesquisadora CNPq (Pq2).

Entrevista

A presente entrevista foi realizada durante o estágio pós-doutoral da interlocutora¹ (2023-2024) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que está sendo supervisionado pela Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua.

O roteiro da entrevista foi planejado e estruturado durante o mês de novembro de 2023 e enviado por e-mail à entrevistada, que respondeu, em dezembro de 2023, também via e-mail, as perguntas nele contidas. Devido ao seu caráter de “*entre vistas*”, ou, “*entre visões*”, pode-se afirmar, corroborando o que já haviam observado Kavle (1996) e Lakotos e Marconi (2006), que a versão final do que se lê adiante é fruto de trocas de ideias entre duas pessoas, que, neste caso, têm como tema de interesse mútuo a formação de tradutores.

¹¹ O estágio pós-doutoral teve início em 2 de agosto de 2023 e tem previsão de término em 2 de agosto de 2024. O título do projeto de pesquisa vinculado ao estágio pós-doutoral é “Nos termos do ensino e aprendizagem de Tradução: um estudo terminológico”.

Interlocutora:

1. Professora Cleci, em primeiro lugar, muito obrigada por nos conceder esta entrevista para o número especial da revista *Letras & Letras*, pertencente ao Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia. Este número especial tem como proposta reunir trabalhos sobre a temática “*Estudos da Tradução e Interpretação: números, termos e questões de ensino*”. Para começarmos, poderia nos falar um pouco a respeito de sua trajetória profissional e acadêmica no campo disciplinar dos Estudos da Tradução?

Professora Cleci:

Em primeiro lugar, agradeço imensamente o convite e a oportunidade de contar um pouco a respeito minha trajetória acadêmica e profissional e de poder refletir sobre alguns aspectos relativos à formação de tradutores, considerando principalmente os estudos terminológicos.

Sobre a minha trajetória, no segundo grau (era assim que se chamava à época o Ensino Médio), sempre pensei que gostaria de fazer um curso que me permitisse conhecer outras culturas e estar em contato com outras pessoas ou, então, que possibilitasse trabalhar com e pelas pessoas. Pensando nisso, me inscrevi para o Curso de Bacharelado em Letras –Tradução e Interpretação da UFRGS, Relações Públicas na PUC-RS e Odontologia na Universidade de Passo Fundo. Passei na UFRGS e nem pensei mais nos outros cursos. Iniciei o curso de Bacharelado em 1982, escolhendo a Língua Inglesa como ênfase. Depois de alguns percalços – meu nível de inglês de guria do interior do Rio Grande do Sul não era suficiente para acompanhar o nível exigido no curso – e de ter mais contato com colegas hispanofalantes, com músicas e literatura em espanhol, decidi que seria mais feliz – nem pensava no futuro profissional – se mudasse para essa ênfase. Foi essa mudança que, posteriormente, definiu minha vida profissional e minhas escolhas no âmbito acadêmico. Então, de fato, pude ser e ainda sou muito feliz pelo que fiz ao longo de 33 anos de atuação como professora na UFRGS.

Naquela época, praticamente ninguém escolhia fazer espanhol; era uma língua que todos supostamente sabiam e para a qual não era preciso ter uma formação para ser professor ou tradutor (infelizmente, muitos continuam acreditando nisso). Era, portanto, uma língua de menor prestígio e valorização no mercado. Por essas razões, éramos apenas três alunas no curso – ainda tínhamos a formação em interpretação, que foi retirada em 1991 –, e as disciplinas de tradução e de versão eram praticamente aulas particulares. Então, se me formei

como tradutora de espanhol, foi porque tive a oportunidade de fazer essa formação em uma universidade pública que oferecia e – ainda oferece –, além do inglês e do espanhol, alemão, francês, italiano e japonês, bem como o russo em disciplinas eletivas. Portanto, minha formação só foi possível porque eu estava em uma instituição pública que ainda hoje é um lugar em que se procura manter cursos não oferecidos pelas instituições privadas, assegurando o direito a formações que não visam apenas ao mercado de trabalho nem a lucratividade dos cursos. E eu espero, sinceramente, que as universidades públicas continuem tendo esse papel de formadoras em áreas diversas e que permitam a continuidade da pesquisa e da extensão nessas áreas. Esse é um dos papéis das universidades e institutos federais. Na minha visão, nós, como professores dessas instituições, temos que ter clareza disso e defender essa ideia.

Durante a graduação, fui monitora das disciplinas do curso e pude participar do 3º Encontro de Tradutores, realizado em Porto Alegre entre os dias 26 e 28 de agosto de 1987, cujo tema foi *O ensino da tradução*. Podemos ver que, em 1987, a formação já era um ponto-chave de discussão e reflexão por parte dos professores e pesquisadores da área. Foi nesse evento que entrei em contato com pesquisadores nacionais e internacionais e tradutores – entre eles, Francis Aubert, Jean Delisle, Márcia Martins, Maria Cândida Bordenave, Maria Paula Frota, Paulo Henriques Britto, Stella Tagnin, além dos professores da UFRGS Anna Maria Becker Maciel, Erica Schultz, Hedy Hoffmann, Pedro Câncio da Silva, Tânia Franco Carvalhal e Sara Viola Rodrigues. Penso que foi meu batismo no âmbito dos eventos sobre os Estudos de Tradução.

Formei-me em 1988, mas antes disso já trabalhava dando aulas particulares de espanhol e também com tradução. Entre 1987 e final de 1990, trabalhei como *freelancer* para empresas como a Termolar, empresa que fabricava produtos como garrafas térmicas e *coolers* e os exportava para toda a América Latina. Também fiz traduções para instituições públicas e particulares, trabalhando principalmente com textos acadêmicos de diversas áreas. Portanto, minhas experiências sempre foram com a tradução especializada, e isso já me fazia lidar com e pensar sobre as terminologias das áreas que eu traduzia.

No final de 1990, me aventurei a fazer o concurso para vaga de professor de língua espanhola. Naquela época, não havia a exigência de título de mestrado ou de doutorado para prestar concurso, e lá fui eu apenas com meu diploma de graduação participar do concurso. Fui aprovada em segundo lugar e, em abril de 1991, fui chamada para assumir um contrato de

20h, transformado em dedicação exclusiva em 1992. Em meados de 1991, comecei a participar do grupo TERMISUL, recém-criado pelas professoras Maria da Graça Krieger e Anna Maria Becker Maciel. Desde então, Tradução e Terminologia andaram juntas em minha formação e atuação profissional.

Interlocutora:

2. Tenho acompanhado alguns de seus estudos sobre Terminologia, oriundos, sobretudo, de suas pesquisas em nível de dissertação de mestrado e tese de doutorado, de seus vários artigos, capítulos de livros e obras organizadas. Parte de suas reflexões nesse campo também advém de suas atividades realizadas no Grupo TERMISUL, vinculado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que, em 2023, completa 32 anos e do qual você é uma de suas idealizadoras, e quem manteve vivo o projeto do grupo então iniciado por Maria da Graça Krieger e Anna Maria Becker Maciel. Considerando tal volume de estudos e contribuições para os Estudos da Tradução, o que motivou suas pesquisas sobre Terminologia?

Professora Cleci:

Foi justamente a minha experiência como tradutora que me levou – digo “me levou” porque foi algo meio natural, que foi acontecendo – para a área de Terminologia. Ao trabalhar com tradução especializada durante muitos anos, eu percebia a importância dos termos nos textos e que a sua tradução precisava ser muito cuidadosa. Temos que pensar que era um tempo em que não havia internet e, muito menos, Google e ferramentas de tradução automática e também não tínhamos ainda as disciplinas de Terminologia no curso da UFRGS e, até onde sei, em nenhum outro curso do país. Para poder chegar a uma tradução adequada dos termos, era preciso muita pesquisa nas bibliotecas, muita leitura de materiais diversos (livros, manuais, folhetos etc.) sobre os temas traduzidos e muita conversa com os especialistas nas áreas para as quais eu traduzia. E não só dos termos, porque a maior dificuldade era encontrar o que acompanhava os termos, ou seja, as colocações e demais fraseologias próprias de cada âmbito. Foram as dificuldades que encontrei que me levaram para a Terminologia e, dentro dessa área, para a Fraseologia Especializada.

Quando eu precisei definir um tema para minha dissertação ao ingressar no mestrado em Estudos da Linguagem, em 1992, no PPG-LET da UFRGS, lendo o capítulo ‘Formación de palabras y fraseologia en la Lexicografía’, de Stefan Ettinger, no livro *La Lexicografía* (HAESCH

et al., 1982), me chamou a atenção que ele trazia os tipos de fraseologias, mas, principalmente, ele dizia que elas precisavam estar presentes nos dicionários bilíngues para que os aprendizes e os tradutores pudessem conhecer e ter acesso a esse tipo de unidades em outras línguas. Então me deu um estalo. Eu percebi que essas eram algumas das unidades que me causavam tantas dificuldades nas traduções e demandavam muita pesquisa para achar soluções tradutórias adequadas. Foi o mote para eu escolher trabalhar com fraseologia e, como já tinha experiência como tradutora e também já era pesquisadora do TERMISUL, decidi focar a Fraseologia Especializada, mais especificamente a fraseologia do Direito Ambiental para poder seguir com a mesma temática e os mesmos textos utilizados pelo grupo, contribuindo para as pesquisas realizadas pelo TERMISUL. Daí em diante, praticamente tudo o que eu pesquisei, inclusive no doutorado, escrevi e, em certa medida, ensinei esteve relacionado à Terminologia e à Fraseologia e suas relações com a Tradução.

Considero importante destacar que essas escolhas me levaram a outros espaços e me proporcionaram outros encontros. Por exemplo, a participação como membro da Rede Ibero-americana de Terminologia (RITerm) me permitiu estar presente, junto com as demais pesquisadoras do TERMISUL, em praticamente todos os simpósios organizados pela Rede e participar como aluna e depois como ministrante de cursos e jornadas promovidos pela RITerm em diversos países da América Latina. Ainda hoje, participo dos simpósios e procuro estar sempre presente e colaborando com a Rede, pois considero que é um espaço importante de intercâmbio de conhecimento e de amizade entre os membros. Igualmente, foi o que me fez participar da ABRAPT e de vários de seus encontros – o ENTRAD – e manter o contato e o intercâmbio com colegas de outras universidades do país. Inclusive foi pelo ENTRAD que conheci vários colegas da UFU, com alguns dos quais estabeleci uma interlocução maior nos últimos anos.

Interlocutora:

3. As últimas três décadas tornaram-se emblemáticas ao testemunhar o aumento dos cursos universitários de formação de tradutores. Esse crescimento coincide com o aumento da investigação sobre a formação de futuros profissionais de Tradução. No entanto, se, por um lado, celebra-se a criação de novos cursos de formação em Tradução, por outro busca-se melhor refletir sobre a configuração e organização curricular desses cursos. Levando-se em consideração que o Curso de Bacharelado em

Letras – Tradução da UFRGS, com suas respectivas Habilitações em Português/Alemão, em Português/Espanhol, em Português/Francês, em Português/Inglês, em Português/Italiano e em Português/Japonês, tem mais de 50 anos, quais mudanças importantes você implementou e presenciou ao longo desses anos na configuração e organização desse Curso?

Professora Cleci:

A primeira vez em que participei de uma mudança no currículo do Curso de Bacharelado, eu ainda era estudante. O curso que fiz era muito calcado no currículo do curso de Licenciatura em Letras, diferenciando-se desse basicamente pelas disciplinas de prática de tradução e versão e pelos estágios de tradução. Por exemplo, em Língua Portuguesa, deveríamos cursar quatro disciplinas das seis oferecidas para a Licenciatura, a saber, Português I (Morfologia), Português II (Fonologia), Português III e IV (Sintaxe). Não tínhamos disciplinas relacionadas à semântica, pragmática e produção textual. Como eu participava do Centro de Estudos de Letras (CEL) desde 1983 e, por conta disso, havia participado do I Encontro de Estudantes de Tradução, realizado na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campos de São José do Rio Preto, se não me engano em 1986 – suspeito que foi a partir daí que se criou a Semana do Tradutor no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) –, onde discutimos a necessidade de repensarmos nossa formação e os currículos dos cursos de Tradução, nos organizamos, no nosso curso, para reivindicar uma disciplina de produção de textos em português. Apoiados pela professora Eleni Martins, que ministrava principalmente as disciplinas de semântica e pragmática, conseguimos que fosse discutida e implementada a disciplina de Produção de Textos em Língua Portuguesa em 1987. Foi nossa primeira conquista em relação ao currículo de Tradução.

Posteriormente, em 1991, acompanhei a retirada da formação em interpretação, feita por de falta de professores com formação específica e de infraestrutura. Em 1995, já como docente e membro da Comissão de Carreira (hoje Comissão de Graduação), participei das discussões de reformulação do currículo do Curso de Bacharelado em Letras. A proposta feita e aprovada modificava consideravelmente o currículo, introduzindo, por exemplo, disciplinas diferenciadas de Língua Portuguesa (Teoria do Texto, Semântica do Texto, Sintaxe do Texto), de Linguística (Conceitos Básicos de Linguística) e de Terminologia (Introdução à Terminologia e Terminologia Aplicada). A proposta de inserção das disciplinas de Terminologia foi feita pelas

professoras do TERMISUL, principalmente, Maria da Graça Krieger e Anna Maria Becker Maciel, apoiadas pelas professoras mais jovens, Maria José Finatto e eu. Se não me engano, foi um dos primeiros cursos, no Brasil, a incluir as disciplinas de Terminologia em seu currículo.

Por volta de 2007, juntamente com os professores participantes do Núcleo de Estudos de Tradução Olga Fedessejeva (NET), iniciamos a discussão de reforma curricular do curso, apoiados pela então direção do Instituto de Letras, tendo como diretor Arcajo Pedro Briggmann e Rosalia Neumann. Um dos aspectos que gosto de destacar é que essa reformulação foi uma iniciativa dos próprios professores; não foi determinada por nenhuma instância superior. Para pensar a reformulação, iniciamos realizando entrevistas com ex-alunos para que apontassem os pontos positivos e as fragilidades do curso e analisando currículos de outros cursos do país. Com essas informações, discutimos o perfil dos futuros profissionais, as competências e habilidades a serem desenvolvidas. Após quase quatro anos de discussão, inclusive com cada um dos três departamentos dos Instituto, elaboramos uma proposta, encaminhada, posteriormente, para apreciação na Comissão de Proposição de Reforma Curricular para os Cursos de Graduação em Letras da UFRGS, criada no final de 2010. Em 2012, após novas discussões com a comunidade e tramitação nas instâncias superiores, conseguimos a aprovação do Projeto Pedagógico do Curso. É esse o currículo que ainda está em vigor e que passou a incluir disciplinas como Leitura e Produção de textos em Língua Estrangeira, Revisão de Textos em Língua Portuguesa, Revisão de Textos em Língua Estrangeira, Teorias da Leitura, Léxico e Dicionários, entre outras. É possível ver o currículo e a grade curricular da formação em Tradução em cada uma das línguas oferecidas no *link*:

http://www.ufrgs.br/ufrgs/ensino/graduacao/cursos/exibeCurso?cod_curso=334

Interlocutora:

4. Dando continuidade à pergunta e resposta anteriores, qual seria o principal papel das disciplinas relacionadas aos estudos terminológicos no Curso de Bacharelado em Letras – Tradução da UFRGS e nos cursos de Tradução em geral, aludindo ao tema deste número especial da revista *Letras & Letras*, a saber, “*Estudos da Tradução e Interpretação: números, termos e questões de ensino*”?

Professora Cleci:

Penso que o papel das disciplinas relacionadas à Terminologia na formação de tradutores e intérpretes é oferecer um arcabouço teórico-metodológico que lhes permita: identificar as unidades léxicas especializadas (termos, unidades fraseológicas, modos de dizer prototípicos) considerando a temática, o universo de discurso em que são utilizadas, os gêneros textuais em que ocorrem e suas especificidades, visto que são elementos essenciais para a transmissão e representação do conhecimento especializado e precisam ser traduzidas de forma adequada do ponto de vista linguístico, da temática, da função do texto traduzido; construir produtos terminográficos, seja para uso próprio, seja para ampliar ou revisar algum glossário incorporado às *CAT Tools*, ou ainda para publicação, que auxiliem na tomada de decisões no processo de tradução; entender como se organizam e estruturam os termos de um âmbito do saber (por exemplo, pode-se ensinar a organizar mapas conceituais para compreender a área, como ela se estrutura, quais são seus conceitos-chave etc.); utilizar os recursos da Linguística de *Corpus* para processar os textos e os termos; desenvolver formas de busca para obter informação terminológica de forma rápida e segura e lidar com as especificidades dos textos especializados e das terminologias nas diferentes línguas e culturas. São conhecimentos que também se inter-relacionam com outras áreas da Linguística, como a Linguística Textual, a Língua Portuguesa e as Línguas Estrangeiras, para citar algumas. Todos esses aspectos fazem com que se olhe para os textos especializados, para os termos e fraseologias e as relações que estabelecem com o todo do texto de uma forma mais ampla e, ao mesmo tempo, mais aprofundada. Esse conhecimento, em consequência, se transforma em uma base consistente que fundamenta a tomada de decisões e o processo de tradução e, inclusive, de revisão de tradução de textos especializados ou de textos produzidos na própria língua materna do/a tradutor/a ou intérprete. Nesse sentido, a oferta de tais disciplinas promove o desenvolvimento de várias competências e habilidades essenciais para a atuação em tradução e interpretação.

Interlocutora:

5. As distintas modalidades de prática de tradução (tradução literária, especializada, jurídica, comercial, audiovisual etc.) deveriam pressupor distintas abordagens de ensino e aprendizagem da Terminologia?

Professora Cleci:

Acho que seria muito interessante pensar em abordagens diferentes de ensino e aprendizagem da Terminologia para dar conta das especificidades de cada modalidade de tradução, das diferentes áreas de saber ou gêneros textuais – aqui, de forma ampla, incluo os textos literários. Contudo, deveria haver algo em comum, ou seja, um conjunto de fundamentos teórico-metodológicos, que poderia incluir as teorias e/ou perspectivas terminológicas e os procedimentos metodológicos. A partir dessa base, seriam feitas adaptações para abranger as especificidades ou necessidades das diversas modalidades de tradução. De fato, já há pesquisadoras que pensam e propõem uma forma diferenciada de trabalhar ou gerir as terminologias para a Interpretação (cf. cursos oferecidos por Patrícia Cavallo em <http://apuliatraducoes.com/>). Talvez o principal fosse chamar a atenção dos alunos de que cada modalidade, área, comunidade discursiva, gênero textual têm suas especificidades e requerem diferentes formas de identificar, tratar e representar suas terminologias e que sua tradução também deve levar em conta isso.

Interlocutora:

6. O que, em sua opinião, todo docente que forma tradutores, e também intérpretes, deveria saber sobre Terminologia?

Professora Cleci:

Penso que deveriam ter uma noção geral das teorias terminológicas, dos procedimentos metodológicos e, sobretudo, da aplicação ou das funcionalidades, digamos assim, da Terminologia no processo tradutório, considerando as modalidades de tradução, o nível de especialização dos textos, o tema etc. Para isso, deveríamos pensar que os professores precisariam ter uma formação mínima em Terminologia ou, pelo menos, deveriam procurar ler e se informar sobre o que se faz e como trabalhamos com a Terminologia e as terminologias associadas aos processos de tradução, inclusive com o auxílio das *CAT Tools*. Também é preciso considerar os aspectos mencionados na pergunta 4, ou seja, seria importante ter consciência das contribuições que a Terminologia oferece para a formação de tradutores e intérpretes para poder estabelecer as relações necessárias da Terminologia com as demais disciplinas do currículo, como as práticas de tradução, os estágios e as disciplinas de tecnologia. Acho que

isso propiciaria um olhar mais amplo e pedagógico na formação dos futuros profissionais da área.

Interlocutora:

7. Os cursos de mestrado e doutorado em Estudos da Tradução e Interpretação, que formam futuros docentes desses campos, deveriam ofertar uma ou mais disciplinas específicas sobre o ensino e aprendizagem da Terminologia? Se sim, qual(is) seria(m) suas sugestões acerca de tal oferta?

Professora Cleci:

Acredito que os cursos de pós-graduação em Estudos de Tradução e Interpretação deveriam oferecer, no mínimo, uma disciplina de Terminologia de quatro créditos. O ideal talvez fosse a oferta de uma disciplina que associasse aspectos teóricos, práticos e pedagógicos. Poderia ser uma disciplina como “Introdução à Terminologia: questões teórico-práticas e pedagógicas” ou “Aspectos teóricos e práticos da Terminologia na formação de tradutores”. Caso não fosse possível oferecer uma disciplina de quatro créditos, talvez seria interessante ofertar uma disciplina de dois créditos, que permitisse uma visão mais ampla das teorias e da prática, mas que igualmente incluísse a reflexão sobre o ensino e aprendizagem da Terminologia por parte dos futuros tradutores. No PPG-Letras da UFRGS, na linha de Estudos do Léxico e da Tradução, há as disciplinas de “Fundamentos de Terminologia” e “Seminário de Pesquisa em Terminologia”, ambas com quatro créditos e, em geral, ministradas pela colega Maria José Finatto. A primeira tem um caráter mais teórico; e a segunda busca discutir os projetos de pesquisa dos alunos à luz das diversas perspectivas teóricas da Terminologia. Também poderiam ser oferecidos cursos livres que abordassem a Terminologia e seu ensino. São várias as possibilidades e seria preciso pensar em formas de implementá-las nos programas de pós-graduação em Tradução.

Interlocutora:

8. Se você pudesse relacionar três termos à formação de tradutores, quais seriam?

Professora Cleci:

Teoria, prática, ética.

Interlocutora:

9. Se você pudesse relacionar três termos à formação de professores de Tradução, quais seriam?

Professora Cleci:

Conhecimentos diversos, didática e empatia.

Interlocutora:

10. Para finalizarmos, e agradecendo mais uma vez sua participação, você gostaria de acrescentar alguma colocação que eventualmente não tenhamos contemplado nas perguntas anteriores?

Professora Cleci:

Aproveito para reforçar a importância da formação em Terminologia para os futuros tradutores e para os professores que atuam nos cursos de Tradução. Lembro ainda que não há âmbito (campos ou espaços de saberes) sem terminologias, conforme já nos dizia Benveniste (1989), e que, portanto, todas as áreas, técnicas, ofícios e comunidades de saber se constituem com base em suas terminologias. Assim, a Terminologia, além de ser interdisciplinar, é transdisciplinar. Se os tradutores traduzem textos de distintas modalidades, âmbitos e temáticas, eles sempre se encontrarão com suas terminologias, mesmo que seja um texto literário. Para poder resolver os problemas terminológicos na tradução de um texto, é preciso ter conhecimento, ainda que mínimo, em Terminologia. O ideal seria que todos os cursos de Tradução oferecidos em nosso país pudessem oferecer disciplinas relacionadas à Terminologia e que essas disciplinas pudessem dialogar com as demais disciplinas dos seus currículos. Isso também requer um diálogo constante entre todos os professores para estabelecer as possíveis intersecções entre Terminologia e as demais disciplinas. É um desafio bem interessante e que seria bastante produtivo para aqueles que querem pensar na inserção da Terminologia como um elemento importante na formação de tradutores e intérpretes.

Destaco ainda a necessidade de se repensar constantemente a formação em Tradução e Interpretação, e isso requer estarmos atentos a vários aspectos que se inter-relacionam. Precisamos estar atentos às mudanças na nossa área e à evolução dos recursos tecnológicos que auxiliam no processo tradutório, mas precisamos, acima de tudo, olhar para nossos alunos,

entender de onde eles vêm, que necessidades eles têm e de que condições de formação dispõem, bem como entender as condições de trabalho dos professores, as quais vêm sendo muito precarizadas nos últimos anos. Não se pode ignorar tais aspectos quando se discute formação em determinado âmbito ou sua reformulação curricular.

Para concluir, gostaria de agradecer novamente o convite para a entrevista. Para mim, foi uma oportunidade de refletir sobre minha atuação como professora e pesquisadora na área de Terminologia e de formação em Tradução. Espero também ter oferecido informações que auxiliem a pensar na formação em Terminologia para os futuros tradutores e na nossa atuação como formadores desses profissionais.

Referências

- ARCOS, M.; BEVILACQUA, C.; LOGUERCIO, S. D. Reconhecendo os termos dos saberes das Parteiras Tradicionais brasileiras: reflexões iniciais para uma abordagem cultural da Terminologia. **Revista GTLex**, v. 8, p. e0807, 2023. DOI: 10.14393/Lex-v8a2022/23-7.
- BEVILACQUA, C. R. *et al.* (org.). **Como elaborar um dicionário especializado? A experiência do grupo TermiSul**. 1a. ed. Porto Alegre: Editora Zouk, 2023. v. 1.
- BEVILACQUA, C. R. A fraseoloxía especializada: produtos fraseográficos e aplicacións. **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, 21, p. 19-33, 2021.
- BEVILACQUA, C. R.; TAGNIN, S. E. O. (org.). **Corpora na Terminologia**. 1. ed. São Paulo: HUB Editorial, 2013. v. 1. 235p.
- BENVENISTE, E. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 1989.
- HAESCH, G. *et al.* **La Lexicografía**. De la Lingüística Teórica a la Lexicografía Práctica. Madrid: Gredos, 1982.
- KVALE, S. **Interviews**. London: Sage, 1996.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.
- NOVODVORSKI, A.; BEVILACQUA, C. R. (org.). **Fraseologia: enfoques contrastivos e especializados** (Linguística in Focus, v. 15). 1. ed. Uberlândia: EDUFU, 2022. v. 1.
- SILVA, F. M. da; BEVILACQUA, C. R. Proposta de dicionário das ciências do léxico com base nas publicações dos membros do gtlex/anpoll. **DELTA**, v. 38, n. 2, 2022. DOI: 10.1590/1678-460X202238251021.

Recebido em: 12.12.2023

Aprovado em: 13.12.2023